Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social · 2026 · Vol. 12(2): 1–17
Portuguese Journal of Behavioral and Social Research · e-ISSN 2183-4938
Departamento de Investigação & Desenvolvimento · Instituto Superior Miguel Torga

ARTIGO ORIGINAL

Gerontofobia na internet e a construção social da sexualidade de mulheres idosas

Gerontophobia on the internet and the social construction of older women's sexuality

Luiz Rogério Lopes Silva[1] · Lilian Dias Bernardo[2] · Camila Costa de Andrade[3] · Taiuani Marquine Raymundo[4]

[1] *Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Curitiba, Brasil*
[2] *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Curso de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, Brasil*
[3] *Universidade Federal do Paraná, Departamento de Ciência e Gestão da Informação, Curitiba, Brasil*
[4] *Universidade Federal do Paraná, Departamento de Terapia Ocupacional, Curitiba, Brasil*

https://doi.org/10.31211/rpics.2026.12.2.419

Resumo

Objetivo: Este estudo analisou manifestações de gerontofobia e representações sociais do envelhecimento e da sexualidade de pessoas idosas em comentários publicados em uma plataforma de vídeos sobre um caso de ampla repercussão envolvendo o relacionamento afetivo de uma mulher mais velha com um homem mais jovem e as suspeitas de fraude associadas à situação. **Métodos**: Realizou-se análise de conteúdo categorial de 1.683 comentários; após exclusões, 637 comentários textuais foram classificados em 15 categorias, e 843 comentários compostos por pictogramas, risadas textuais ou textos muito curtos foram analisados separadamente, como corpus auxiliar. **Resultados**: O grupo de julgamento moral e gerontofobia reuniu 36,4% dos comentários textuais (xingamentos, críticas morais e etarismo explícito), frequentemente ligados à deslegitimação da sexualidade na velhice; o de narrativa e reflexividade, 29,5%, frequentemente marcado por humor. No corpus auxiliar, 72,0% dos registros indicaram riso ou escárnio; no corpus textual, manifestações de apoio à vítima representaram 22,4%, indicando heterogeneidade das reações. **Conclusões**: A gerontofobia aparece de forma direta e indireta, sobretudo por meio de humor e ironia. As representações sociais do envelhecimento feminino associam a velhice à perda de legitimidade afetiva e sexual, convertendo a sexualidade na velhice em objeto de riso. A ambivalência entre apoio e desvalorização evidencia a complexidade das interações digitais.

Palavras-chave: Etarismo digital; Gerontofobia; Representações sociais do envelhecimento; Sexualidade na velhice; Análise de conteúdo.

DATAS EDITORIAIS

Recebido	06/07/2025
Revisto	20/04/2026
Aceite	19/11/2026
Publicado	24/11/2026

COMO CITAR

Lopes Silva, L. R., Bernardo, L. D., Andrade, C. C., & Raymundo, T. M. (2026). Gerontofobia na internet e a construção social da sexualidade de mulheres idosas. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, *12*(2), 1–17. https://doi.org/10.31211/rpics.2026.12.2.419

AUTOR CORRESPONDENTE

Luiz Rogério Lopes Silva
Universidade Federal do Paraná, Avenida Prefeito Lothário Meissner, n.º 632, 80210-170, Curitiba, Paraná, Brasil
E-mail: luiz.lopes@ufpr.br

PUBLICAÇÃO EM ACESSO ABERTO

©2026. O(s) Autor(es). Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0), que permite o uso, a distribuição e a reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

DI&D | ISMT
rpics@ismt.pt
https://rpics.ismt.pt

* Artigo escrito em português do Brasil.

Abstract

Objective: This study analyzed manifestations of gerontophobia and social representations of aging and the sexuality of older adults in comments posted on a video platform concerning a widely publicized case involving the romantic relationship between an older woman and a younger man, as well as suspicions of fraud associated with the situation. **Methods**: A categorical content analysis was conducted on 1,683 comments; after exclusions, 637 textual comments were classified into 15 categories, and 843 comments consisting of pictograms, textual laughter, or very short texts were analyzed separately as a supplementary corpus. **Results**: The moral judgment and gerontophobia group accounted for 36.4% of the textual comments (insults, moral criticism, and explicit ageism), often linked to the delegitimization of sexuality in later life; the narrative and reflexivity group, for 29.5%, often marked by humor. In the supplementary corpus, 72.0% of the records indicated laughter or mockery; in the textual corpus, expressions of support for the victim accounted for 22.4%, indicating heterogeneous reactions. **Conclusions**: Gerontophobia appears in direct and indirect forms, particularly through humor and irony. Social representations of female aging associate old age with a loss of affective and sexual legitimacy, turning sexuality in later life into an object of ridicule. The ambivalence between support and devaluation highlights the complexity of digital interactions.

Keywords: Digital ageism; Gerontophobia; Sexuality in later life; Social representations of aging; Content analysis.

Introdução

A presença de pessoas adultas mais velhas em ambientes digitais cresce de forma consistente, porém desigual, no Brasil e em outros países. Segundo a TIC Domicílios 2025, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 59% das pessoas com 60 anos ou mais usam a internet, proporção bem inferior aos 85% da população com 10 anos ou mais, e esse grupo responde por 16 milhões dos cerca de 28 milhões de brasileiros que seguem fora da rede (Cetic.br, 2026). Entre quem está conectado, a desigualdade persiste na qualidade do uso, pois 61% das pessoas com 60 anos ou mais ficam nos níveis mais baixos de conectividade significativa, com até dois pontos em uma escala de zero a nove (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2024, p. 112). Na população em geral, o mesmo estudo mostra que 17% das mulheres alcançam os níveis mais altos, contra 28% dos homens. Na União Europeia, a parcela de pessoas de 16 a 74 anos que usou a internet nos últimos três meses passou de 86% em 2019 para 93% em 2024 (Eurostat, 2024c); ainda assim, em 2023, apenas 59,2% das pessoas de 65 a 74 anos usavam a internet diariamente, contra 97,1% dos jovens de 16 a 24 anos (Eurostat, 2024b, p. 90). As habilidades digitais seguem o mesmo padrão: em 2023, apenas 34% dos homens e 23% das mulheres de 65 a 74 anos tinham ao menos habilidades digitais básicas, contra 69% e 71%, respectivamente, nas faixas de 25 a 34 anos (Eurostat, 2024a). Nos Estados Unidos, 75% das pessoas com 65 anos ou mais usavam a internet em 2021, mas só 8% diziam estar online “quase constantemente”, contra 48% dos jovens de 18 a 29 anos (Faverio, 2022).

Em revisão de escopo sobre o engajamento digital de pessoas idosas, Kebede et al. (2022) mostram que os obstáculos são múltiplos e interligados, e envolvem aspectos individuais, tecnológicos, sociais e econômicos. No plano individual, aparecem limitações físicas e cognitivas associadas ao envelhecimento, como alterações na visão, na audição, na destreza e na memória, além da falta de habilidades digitais, de conhecimento sobre as tecnologias e de apoio para aprendê-las. As próprias tecnologias podem dificultar o uso quando têm interfaces complexas, textos e ícones pequenos, áudio ou vídeo de baixa qualidade, lentidão, falhas, autenticações frequentes e ausência de recursos de acessibilidade. O custo de aquisição, manutenção e uso dos dispositivos, a falta de acesso à internet e a escassez de treinamento adequado ampliam a exclusão. Questões motivacionais, como baixa autoconfiança, medo, frustração, percepção de inutilidade e preocupações com privacidade, segurança e desconfiança, reduzem a adoção e a

continuidade do uso. No plano social, o isolamento, a ausência de apoio familiar, o estigma associado a tecnologias assistivas e as experiências negativas de aprendizagem reforçam esse quadro e alimentam a desigualdade digital entre gerações.

A esse conjunto soma-se o etarismo, que McDonough (2016) discute como fator que também contribui para a exclusão digital. Enquanto a literatura tende a atribuir a divisão digital a características internas das pessoas mais velhas, como baixo letramento computacional, tecnofobia, pouca utilidade percebida e déficits físicos e cognitivos, a autora argumenta que a suposição de incompetência tecnológica pode levar pessoas idosas a internalizar essa imagem, o que aumenta o desconforto e a desconfiança diante da internet e reduz o uso. Esse etarismo se manifesta ainda em práticas de ridicularização, segregação e hostilidade dirigidas a quem ocupa espaços digitais tidos como território dos mais jovens. Participar de plataformas como YouTube, Facebook ou TikTok, seja produzindo conteúdo, expressando opiniões ou narrando experiências afetivas, pode expor a pessoa idosa a avaliações que ultrapassam o conteúdo do que diz e recaem sobre a legitimidade de sua presença.

A gerontofobia, definida como rejeição ou aversão à velhice e às pessoas envelhecidas (Carneiro et al., 2020), é uma das formas mais contundentes desse fenômeno. Enquanto o etarismo se refere a práticas sociais e institucionais baseadas em estereótipos de idade (Ayalon & Tesch-Römer, 2017), a gerontofobia envolve uma dimensão afetiva que combina desconforto, repulsa e desejo de distanciamento. No ambiente digital, essa dimensão se traduz em comentários, zombarias e correções de comportamento que posicionam a pessoa idosa como elemento deslocado.

Para compreender esse fenômeno, este trabalho considera três perspectivas presentes na literatura. Primeiro, as representações sociais do envelhecimento, que definem normas de comportamento esperado para mulheres adultas mais velhas no campo afetivo e sexual, dimensão documentada na interseção entre etarismo e sexismo (Fernandes-Eloi et al., 2017; Miguel, 2025). Segundo, as dinâmicas de viralidade em plataformas digitais, uma vez que comentários em conteúdos de grande alcance tendem a incluir interações de caráter performático, orientadas pela busca de visibilidade ou pertencimento grupal, de forma a não necessariamente expressarem crenças individuais consolidadas (Kim & Ryu, 2023). Terceiro, o papel do enquadramento midiático como condicionante das formas de engajamento: a literatura documenta que os meios de comunicação tendem a retratar pessoas adultas mais velhas por meio de narrativas negativas e termos estigmatizantes que constroem percepções sociais e legitimam estereótipos estabelecidos (Camacho-Markina & Santos-Diez, 2025; Wangler & Jansky, 2023), enquadramentos que, ao selecionar e destacar determinados aspectos da realidade, predispõem interpretações e respostas dos interagentes.

A escassez de estudos brasileiros sobre gerontofobia digital, documentada por Stoll e Weiduschadt (2024), reforça a pertinência de investigações que aprofundem as dimensões sociais e comunicacionais desse fenômeno. É nessa lacuna que o presente estudo se insere. O objeto da investigação é um caso envolvendo uma mulher idosa, residente em um município de pequeno porte, que procurou uma delegacia para registrar uma ocorrência após um episódio afetivo no qual um homem mais jovem teria se aproveitado de seus sentimentos para obter vantagens financeiras. O episódio chamou a atenção de uma equipe de reportagem de um veículo de comunicação local, que acompanhou o relato e produziu uma matéria jornalística. Posteriormente, o conteúdo foi disponibilizado em uma plataforma de vídeos, alcançando um número expressivo de visualizações e gerando mais de mil comentários. A partir desse material, o artigo analisou os comentários deixados na plataforma, buscando identificar como a desqualificação da velhice se manifesta discursivamente, considerando o contexto de viralidade, as representações sociais do envelhecimento feminino e os enquadramentos midiáticos que influenciam a percepção e o julgamento dos interagentes. O objetivo foi compreender como estigmas etários e de gênero

se atualizam no ambiente digital, afetando a legitimidade e a dignidade de mulheres adultas mais velhas que buscam afeto e reconhecimento.

Envelhecimento, Representação e Gerontofobia Digital

O envelhecimento populacional é uma realidade global, e as expectativas de conduta associadas à velhice constituem um dos principais mecanismos pelos quais as sociedades regulam a participação de pessoas adultas mais velhas na vida pública. Tais expectativas não são neutras: incidem de forma desigual sobre homens e mulheres e tendem a ser mais restritivas quando se trata de expressão afetiva, sexual e de protagonismo social (Fernandes-Eloi et al., 2017; Lee & Song, 2021). No campo da sexualidade, a literatura evidencia a persistência de concepções que associam a velhice à assexualidade, especialmente para mulheres, em quem etarismo, sexismo e controle social dos corpos femininos se cruzam para definir padrões mais restritivos de legitimidade afetiva (Barbosa et al., 2022; Fernandes-Eloi et al., 2017; Miguel, 2025).

Os meios de comunicação têm papel ativo na construção e circulação dessas representações. A cobertura midiática tende a retratar pessoas adultas mais velhas por meio de narrativas negativas, com uso de termos estigmatizantes e enfoque em declínio e inadequação (Camacho-Markina & Santos-Diez, 2025; Wangler & Jansky, 2023). Esses enquadramentos selecionam aspectos da realidade e predispõem interpretações, deteriorando a imagem pública do envelhecimento e afetando a própria autoimagem das pessoas mais velhas expostas a eles (Wangler & Jansky, 2023). A representação midiática não reflete apenas preconceitos já existentes; ela os legitima, os normaliza e os projeta sobre novos contextos, condicionando a forma como o público interpreta e julga situações que envolvem pessoas adultas mais velhas.

Com o crescimento das plataformas digitais, esse processo ganhou escala e velocidade. Os padrões de representação que circulam nos meios tradicionais migraram para os ambientes online, onde encontram novos mecanismos de amplificação e novas formas de expressão. A internalização de estereótipos etários pode reduzir a percepção de competência tecnológica e o engajamento com plataformas (Hetzner et al., 2014; McDonough, 2016), produzindo uma barreira simbólica que antecede e agrava as barreiras de acesso e literacia digital. O resultado é uma divisão digital que não se explica apenas por fatores de renda ou infraestrutura, mas também pela força com que representações midiáticas negativas da velhice constrangem a participação antes mesmo que ela ocorra.

As pessoas mais velhas que conseguem superar essas barreiras ainda não encontram um ambiente neutro. Nos espaços online, elas podem ser alvo de preconceito relacionado à idade, fenômeno conhecido na literatura como ageismo, etarismo ou idadismo. Trata-se de uma forma de discriminação que pode se manifestar tanto nas instituições quanto nos ambientes digitais (Da Silva & Mendes, 2019; Hetzner et al., 2014; McDonough, 2016). De modo geral, este trabalho concentra-se no termo gerontofobia, por permitir enfatizar não apenas a discriminação com base na idade, mas também as atitudes de rejeição, desconforto e desvalorização dirigidas às pessoas mais velhas. Assim, o conceito ajuda a compreender como a velhice é negativamente representada e como essas representações podem se traduzir em práticas de exclusão nos ambientes online. Esse preconceito pode se expressar por meio de comentários que ridicularizam, excluem ou desqualificam pessoas mais velhas (Kim & Ryu, 2023).

Kim e Ryu (2023) identificaram cinco categorias de gerontofobia online. A primeira, o medo do envelhecimento, projeta nos mais velhos imagens de fragilidade e inutilidade, alimentando discriminação pela aparência, como em *"Ninguém quer ficar velho e inútil assim!"*. A segunda, a carga de recursos, trata

pessoas idosas como ameaça à sustentabilidade econômica, criando uma retórica de competição geracional, ilustrada em comentários como *"Os idosos estão só sugando o sistema de aposentadoria. Eles já tiveram sua chance, agora é hora de dar espaço para os jovens."* A terceira, o isolamento social, associa a velhice à improdutividade e ao atraso, justificando a exclusão dos mais velhos de processos sociais e políticas públicas, como em *"Esses velhos não contribuem com nada. Já deveriam estar em asilos."*

A quarta categoria, a crítica ao comportamento social, parte do pressuposto de que os idosos não se adaptam às normas vigentes, desvalorizando suas contribuições, como na frase *"Velhos são sempre mal-educados e nunca seguem as regras."* A quinta, os estereótipos políticos, reduz os mais velhos a posições conservadoras, descartando suas opiniões de antemão, como em *"Os velhos são todos conservadores retrógrados. Estão sempre votando errado."* Essas cinco formas de gerontofobia circulam com frequência em plataformas digitais e permitem compreender como o preconceito contra a velhice se estrutura no ambiente online.

Este artigo concentra-se na categoria de crítica ao comportamento social, especialmente nas questões que envolvem afetividade e sexualidade de mulheres adultas mais velhas, pois é nesse espaço que as pressões normativas sobre o envelhecimento feminino tendem a se manifestar de forma mais intensa. Quando uma mulher adulta mais velha expressa publicamente desejo, afeto ou protagonismo romântico, os julgamentos que frequentemente acompanham essas manifestações articulam gerontofobia e sexismo de modo particularmente direto, ao tratar sua experiência afetivo-sexual como inadequada, incompatível com a idade ou socialmente imprópria. Essa desqualificação se apoia no fato de que a afetividade e a sexualidade na velhice foram historicamente associadas ao estereótipo da assexualidade, o que faz com que sua simples expressão pública já seja interpretada como uma transgressão normativa, independentemente do conteúdo efetivamente veiculado. A opção por esse recorte decorre, portanto, do fato de que é nele que a norma social tende a se enunciar com menor constrangimento e com maior aparência de consenso, frequentemente sob a forma de "comentário", "conselho" ou "preocupação". Assim, a escolha não pretende hierarquizar violências ou desconsiderar outras dimensões do controle sobre corpos e trajetórias femininas, mas tornar visível um mecanismo específico pelo qual o envelhecimento feminino é disciplinado: a naturalização de julgamentos que limitam o direito de mulheres adultas mais velhas a desejarem, amarem e ocuparem publicamente uma posição de sujeito.

Método

Desenho do Estudo

Este estudo adotou abordagem qualitativa de análise de conteúdo categorial (Sampaio & Lycarião, 2021), orientada pela identificação e classificação temática de práticas discursivas em comentários digitais, observados a partir dos sentidos produzidos nas interações, e não pela mensuração de frequências como fim em si mesmo.

Objeto Empírico e Fonte dos Dados

O objeto de análise desta pesquisa são os comentários presentes na postagem que mostra uma reportagem veiculada por um meio de comunicação local e, posteriormente, disponibilizada em uma plataforma de compartilhamento de vídeos. O conteúdo trata do caso de uma mulher idosa que registrou ocorrência policial contra um homem mais jovem, com quem havia mantido um relacionamento afetivo. Segundo o

relato da entrevistada, o homem teria se aproveitado de seus sentimentos para obter vantagens financeiras. O episódio adquiriu ampla circulação em razão da forma como a entrevistada descreveu o início do envolvimento, atribuindo a atração que sentia ao contato olfativo com o corpo do homem.

A veiculação integral do trecho deslocou a repercussão pública da denúncia de possível violência patrimonial para os aspectos afetivos e sexuais do relato. O conteúdo foi amplamente replicado em diversas plataformas digitais, adquirindo caráter viral. A partir da reportagem original, foram identificados três vídeos derivados ou relacionados ao episódio, com potencial para contribuir para os objetivos desta investigação. O primeiro registrou 128.399 visualizações, mas foi excluído do *corpus* por não permitir a realização de comentários. O segundo contabilizava 61.966 visualizações e 313 comentários. O terceiro remetia diretamente ao episódio narrado pela entrevistada e apresentava 182.737 visualizações e 1.683 comentários. Este último foi selecionado para análise por reunir o maior número de visualizações e comentários entre os materiais identificados, oferecendo um conjunto mais amplo de manifestações dos usuários e favorecendo a análise das respostas produzidas em torno do conteúdo.

Os dados analisados são de acesso público e foram obtidos de uma plataforma aberta, sem interação com os autores dos comentários e sem acesso a informações restritas. Nesses termos, o estudo se enquadra no parágrafo único do artigo 1.º da Resolução CNS n.º 510/2016, que dispensa de registro e avaliação pelo sistema CEP/CONEP as pesquisas que utilizam informações de acesso público ou de domínio público. Reconhecemos, contudo, que a natureza pública do material não elimina a responsabilidade ética dos pesquisadores, sobretudo porque ele envolve uma pessoa idosa que relatou uma experiência íntima e uma possível situação de violência patrimonial. Com base no princípio da integridade contextual e na ponderação entre o interesse científico e os possíveis danos aos envolvidos, adotamos medidas para evitar a reexposição da mulher e reduzir riscos de identificação, ridicularização ou assédio. Foram omitidos o nome da entrevistada, o município, o veículo de comunicação, a data de exibição, os títulos e os endereços dos vídeos. Os comentadores não foram identificados, e seus nomes de usuário e datas foram suprimidos. Como a transcrição literal permitiria localizar os autores na plataforma por meio de mecanismos de busca, os comentários incorporados à análise tiveram termos mascarados e o trecho da reportagem que conferiu notoriedade ao caso foi parafraseado, preservando-se apenas os elementos necessários à interpretação dos resultados.

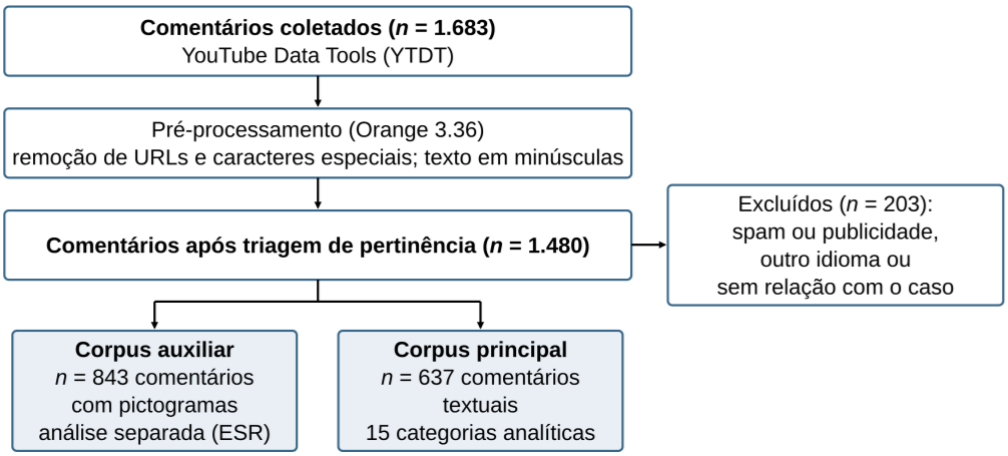
Coleta e Composição do Corpus

A coleta dos dados foi realizada com o YouTube Data Tools (YTDT). O pré-processamento utilizou o Orange (versão 3.36), *software* de mineração de dados de código aberto, para eliminação de URLs, caracteres especiais e padronização do texto em minúsculas, visando uniformizar o *corpus* antes da etapa de codificação manual.

A composição do *corpus* seguiu o fluxo sintetizado na Figura 1. Dos 1.683 comentários coletados, 203 foram excluídos por não atenderem aos critérios de pertinência temática — *spam* ou conteúdo publicitário, comentários em idiomas diferentes do português e comentários sem relação identificável com a reportagem ou com o comportamento da vítima. Dos 1.480 comentários restantes, 843 eram compostos por pictogramas isolados ou acompanhados de textos curtos e foram tratados como *corpus* auxiliar, analisados separadamente em razão de suas especificidades comunicativas; esses comentários não integram o *corpus* principal de análise categorial. Os 637 comentários textuais remanescentes constituíram o *corpus* principal.

Figura 1

Fluxo de Composição do Corpus



Análise dos Dados

As 15 categorias analíticas foram construídas a partir de dois movimentos complementares. Quatro categorias foram derivadas dedutivamente da tipologia de gerontofobia por comportamento social proposta por Kim e Ryu (2023): (a) Assexualidade Imposta e Expectativa de Discrição, (b) Idealização da Abstinência na Velhice, (c) Rejeição e Estigmatização da Sexualidade Ativa e (d) Moralização dos Relacionamentos Intergeracionais. As outras 11 categorias emergiram indutivamente da leitura sistemática do *corpus*, seguindo os procedimentos da análise de conteúdo categorial (Sampaio & Lycarião, 2021).

As categorias foram analisadas de forma independente por dois pesquisadores e revisadas em conjunto para verificação de consistência. A concordância entre os codificadores foi de 94%. Os comentários com divergência de classificação, correspondentes a 6% do *corpus* principal, foram submetidos a um terceiro pesquisador e discutidos até a obtenção de consenso. As categorias são mutuamente exclusivas, de modo que cada comentário foi classificado em apenas uma delas, com base no aspecto discursivo dominante. Quando um comentário apresentava características compatíveis com mais de uma categoria, combinando, por exemplo, *xingamento* com *etarismo*, prevaleceu a categoria que melhor capturava a função comunicativa central do enunciado, determinada por consenso entre os pesquisadores.

Foram definidas categorias que operam em planos analíticos distintos, ou seja, algumas descrevem o posicionamento do comentador em relação aos envolvidos no caso, outras capturam julgamentos morais sobre comportamento e idade, outras identificam expressões de gerontofobia e outras registram manifestações afetivas ou expressivas. Essa heterogeneidade é intencional e reflete a natureza multidimensional dos discursos produzidos em torno do caso. As categorias não são equivalentes entre si em nível lógico, mas são comparáveis enquanto unidades de classificação do *corpus*.

A distribuição das categorias em três planos analíticos — (a) posicionamento, (b) julgamento moral e gerontofobia e (c) narrativa/reflexividade — não implica hierarquia entre eles, mas permite identificar a dimensão discursiva predominante de cada categoria. As quatro categorias derivadas de Kim e Ryu (2023) concentram-se no plano da gerontofobia. As 11 categorias empíricas capturam os demais padrões discursivos identificados no *corpus* e são apresentadas com exemplos ilustrativos na seção de Resultados. Já a análise do *corpus* auxiliar de pictogramas seguiu procedimento distinto, fundamentado no Emoji Sentiment Ranking (ESR) de Kralj Novak et al. (2015). A Tabela 1 detalha cada categoria, os emojis representativos, a orientação segundo o ESR e o critério operacional de inclusão.

Tabela 1

Livro de Códigos do Corpus Auxiliar de Pictogramas

Categoria emocional	Emojis	Orientação (ESR)	Critério de inclusão
Risada/escárnio	😄 🤣 😁	Positivo	Emoji com valência predominantemente positiva e função expressiva cômica. Inclui equivalentes textuais de risada (kkkkk). Orientação cômica não implica ausência de conteúdo depreciativo.
Ironia/ambiguidade	😅 😏	Neutro-bipolar	Emoji classificado como neutro com distribuição bipolar de sentimento, ou seja, alta positividade e negatividade simultâneas. Classificado como ambíguo quando não há texto verbal contextualizador.
Surpresa/incredulidade	😯 😱 😵	Negativo-neutro	Emoji que expressa espanto ou choque. Mobilizado em comentários que reagem ao inusitado da situação, com tonalidade que pode ser cômica ou reprovadora.
Afeto/compaixão	😟 ❤️ ▯	Positivo/negativo	Emojis de afeto positivo (corações) ou tristeza empática (choro). Presença indica reconhecimento da vulnerabilidade emocional da vítima ou expressão de cuidado.
Nojo/repulsa	🤢 🤮	Negativo	Emoji com forte valência negativa associado a repulsa visceral. Mobilizado em referência direta à sexualidade ou ao corpo de mulher adulta mais velha.
Outros/misturado	—	—	Comentários com combinação de emojis de orientações distintas sem predominância identificável, ou sem emoji (somente texto sem classificação nas demais categorias). Classificados por consenso entre os pesquisadores.

Nota. ESR = *Emoji Sentiment Ranking* (Kralj Novak et al., 2015).

Comentários com combinação de emojis de orientações distintas sem predominância identificável, bem como comentários sem emoji cuja função expressiva não se enquadrava nas demais categorias, foram agrupados na categoria *outros/misturado* por consenso entre os pesquisadores.

A Tabela 2 apresenta as 15 categorias do *corpus* principal, organizadas por plano analítico, com indicação de origem e critério de classificação.

Resultados

Enquadramento dos Vídeos e Distribuição das Categorias do *Corpus* Principal

Um primeiro aspecto que merece atenção é o enquadramento adotado pelos veículos para nomear os vídeos. O uso de termos que remetem ao humor e ao sarcasmo pode configurar-se como uma estratégia de titulação etarista não intencional ao posicionar a mulher adulta mais velha em uma situação socialmente reprovada, atribuindo-lhe ao mesmo tempo um papel de "avó" (que não é universal entre pessoas nessa faixa etária) e a negação do direito de pessoas adultas mais velhas a ter relacionamentos afetivos.

A distribuição dos 637 comentários textuais do *corpus* principal é apresentada na Tabela 3, organizada em três grupos analíticos (base de cálculo: N = 637 comentários textuais classificados nas 15 categorias; os 843 pictogramas e os 203 comentários excluídos não integram esse denominador).

Tabela 2

Livro de Códigos das 15 Categorias Analíticas do Corpus Principal

Categoria	Plano analítico (origem)	Critério de classificação
Grupo 1 — Posicionamento em relação aos envolvidos		
Preocupação ou apoio à vítima	Posicionamento (empírica)	O comentário expressa empatia, solidariedade ou preocupação direta com a vítima, reconhecendo sua vulnerabilidade emocional ou defendendo sua dignidade.
Culpa o acusado	Posicionamento (empírica)	O comentário atribui responsabilidade ao homem mais jovem pelo engano ou exploração, independentemente de exprimir ou não empatia com a vítima.
Apoio ao acusado	Posicionamento (empírica)	O comentário exonera ou atenua a responsabilidade do homem, questionando se houve golpe ou justificando seu comportamento.
Grupo 2 — Julgamento moral e expressões de gerontofobia		
Xingamento ou ofensa	Expressão satisfatória (empírica)	O comentário contém linguagem abusiva, insultuosa ou humilhante dirigida à senhora, ao homem ou ao jornalista, com fins depreciativos explícitos.
Crítica ou moralidade	Julgamento moral (empírica)	O comentário emite juízo de valor sobre a adequação moral do comportamento da mulher mais velha, sem uso de linguagem abusiva explícita.
Etarismo explícito	Gerontofobia (empírica)	O comentário utiliza a idade como base primária para humor depreciativo ou rejeição, associando a velhice a inadequação, ridículo ou perda de valor social.
Manifestação de *Schadenfreude*	Expressão satisfatória (empírica)	O comentário expressa satisfação, prazer ou regozijo diante da adversidade ou sofrimento da vítima.
Idealização da abstinência na velhice	Gerontofobia (Kim & Ryu, 2023)	O comentário promove ou naturaliza a ideia de que abstinência afetiva e sexual é o estado esperado e adequado para pessoas adultas mais velhas.
Rejeição e estigmatização da sexualidade ativa	Gerontofobia (Kim & Ryu, 2023)	O comentário rejeita ou ridiculariza a possibilidade de que mulheres adultas mais velhas tenham vida sexual ativa, expressando repulsa ou incredulidade.
Moralização dos relacionamentos intergeracionais	Julgamento moral (Kim & Ryu, 2023)	O comentário impõe juízo moral sobre a diferença de idade no relacionamento, afirmando que pessoas de gerações distintas não deveriam se envolver afetiva e sexualmente.
Assexualidade imposta e expectativa de discrição	Gerontofobia (Kim & Ryu, 2023)	O comentário pressupõe que mulheres adultas mais velhas devem ser discretas quanto à vida afetiva e sexual, tratando a expressão pública dessas vivências como inadequada ou vergonhosa.
Grupo 3 — Narrativa, reflexividade e julgamento difuso		
Apropriação da narrativa	Posicionamento (empírica)	O comentário desloca o foco do caso para experiências pessoais do próprio autor ou de terceiros, sem endereçar diretamente a situação narrada.
Generalização	Julgamento moral (empírica)	O comentário transforma o caso em premissa para afirmações categóricas sobre grupos (pessoas adultas mais velhas, mulheres ou vítimas de golpes), sem se ater ao caso específico.
Prática jornalística	Reflexividade (empírica)	O comentário dirige-se explicitamente à conduta do jornalista ou ao tratamento editorial dado ao caso, avaliando criticamente ou elogiando o processo de produção da reportagem.
Religiosidade	Julgamento moral (empírica)	O comentário mobiliza princípios, referências ou vocabulário religiosos para julgar o comportamento dos envolvidos ou oferecer orientação espiritual.

Nota. Entre parênteses, a origem da categoria: empírica (construída indutivamente a partir do *corpus*) ou derivada de Kim e Ryu (2023).

Tabela 3

Distribuição das 15 Categorias Analíticas por Grupo (N = 637)

Grupo e categoria	*n*	%
Grupo 1 — Posicionamento em relação aos envolvidos	217	34,1
Preocupação ou apoio à vítima	143	22,4
Apoio ao acusado	41	6,4
Culpa o acusado	33	5,2
Grupo 2 — Julgamento moral e expressões de gerontofobia	232	36,4
Xingamento ou ofensa	60	9,4
Crítica ou moralidade	48	7,5
Etarismo explícito	40	6,3
Manifestação de *Schadenfreude*	27	4,2
Idealização da abstinência na velhice	22	3,5
Rejeição e estigmatização da sexualidade ativa	16	2,5
Moralização dos relacionamentos intergeracionais	14	2,2
Assexualidade imposta e expectativa de discrição	5	0,8
Grupo 3 — Narrativa, reflexividade e julgamento difuso	188	29,5
Apropriação da narrativa	69	10,8
Generalização	50	7,8
Prática jornalística	50	7,8
Religiosidade	19	3,0
Total	637	100,0

O Grupo 1 (posicionamento, 34,1%) reúne comentários que tomam partido em relação aos envolvidos. A maior categoria do *corpus* é *Preocupação ou apoio à vítima* (*n* = 143; 22,4%), indicando que uma parcela expressiva dos comentadores reconheceu a vulnerabilidade emocional da senhora. Essa presença significativa de empatia evidencia que as atitudes nos comentários não são homogêneas e que discursos de cuidado coexistem com os depreciativos. Os 41 comentários de *Apoio ao acusado* (6,4%) frequentemente questionaram se houve golpe, dado que o rapaz teria devolvido o dinheiro posteriormente. Os 33 de *Culpa o acusado* (5,2%) responsabilizaram-no pela exploração da situação.

Já o Grupo 2 (julgamento moral e gerontofobia, 36,4%) corresponde ao bloco de maior peso analítico para os objetivos desta pesquisa. Nele se concentram as categorias que desqualificam a vítima por sua conduta afetiva e sexual com base em expectativas etárias e de gênero. *Xingamento ou ofensa* (*n* = 60; 9,4%) e *Crítica ou moralidade* (*n* = 48; 7,5%) são as mais frequentes, seguidas de *Etarismo explícito* (*n* = 40; 6,3%), contemplando comentários que mobilizam a idade como fundamento de humor depreciativo. Também foram identificados comentários com *Manifestação de Schadenfreude* (*n* = 27; 4,2%).

As quatro categorias derivadas de Kim e Ryu (2023) somam 57 comentários (8,9% do *corpus*): *Idealização da abstinência na velhice* (*n* = 22), *Rejeição e estigmatização da sexualidade ativa* (*n* = 16), *Moralização dos relacionamentos intergeracionais* (*n* = 14) e *Assexualidade imposta e expectativa de discrição* (*n* = 5). Ainda que numericamente menores, essas categorias expressam de forma mais direta as representações sobre o que seria um comportamento legítimo para uma mulher adulta mais velha.

Por fim, o Grupo 3 (narrativa, reflexividade e julgamento difuso, 29,5%) reúne categorias que organizam o engajamento de outras formas, sem se dirigir diretamente à desqualificação ou ao apoio. *Apropriação da narrativa* (*n* = 69; 10,8%) é a segunda maior categoria do *corpus*, com comentários que desviam o relato para experiências pessoais ou generalizações, frequentemente sem reconhecer o impacto da situação sobre a vítima. *Generalização* (*n* = 50; 7,8%) e *Prática jornalística* (*n* = 50; 7,8%) aparecem com igual frequência:

as primeiras fazem afirmações categóricas sobre pessoas adultas mais velhas ou sobre golpes amorosos, enquanto as segundas comentam explicitamente sobre a conduta do jornalista e o tratamento editorial do caso. *Religiosidade* (*n* = 19; 3,0%) mobiliza princípios doutrinários para julgar ou aconselhar.

Corpus Auxiliar de Pictogramas

Conforme ressaltado anteriormente, a expressiva presença de pictogramas nos comentários mereceu análise específica, dada a sua complexidade metodológica. O mesmo símbolo pode funcionar como marcador de humor, de cumplicidade, de distância irônica ou de emoção genuína conforme o contexto, o interlocutor e a dinâmica do fio de comentários em que é inserido. Em contextos virais, como o caso analisado, parte dos emojis funciona como sinal de participação no evento comunicativo, o que equivale ao riso na plateia de um show de comédia, sem necessariamente expressar uma avaliação moral consolidada. As análises a seguir devem ser lidas com essa ressalva estrutural em mente.

O *corpus* auxiliar reúne 843 registros, dos quais 537 são comentários principais e 306 são respostas. A Tabela 4 apresenta a orientação emocional predominante dos comentários do *corpus* auxiliar e a análise contextual do emoji 😅. As 843 interações reúnem 3.331 ocorrências de emojis individuais, distribuídas por 65 tipos distintos, o que equivale a uma média de 4,0 ocorrências por comentário. A concentração é elevada. O emoji 😂 (rosto com lágrimas de riso) responde por 2.549 ocorrências (76,5% de todos os emojis identificados), seguido de 🤣 (rosto rolando de rir), com 277 ocorrências (8,3%), e de 😅 (rosto com suor frio, geralmente associado a constrangimento ou ironia), com 263 ocorrências (7,9%). Os três juntos representam 92,7% de todos os emojis registrados.

Tabela 4

Corpus Auxiliar de Pictogramas: Orientação Emocional Predominante (N = 843) e Análise Contextual do Emoji 😅 (n = 85)

Categoria	Emojis	Orientação (ESR)	*n*	%	Observação
A. Orientação emocional predominante (base: N = *843 comentários do* corpus *auxiliar)*					
Risada/escárnio	😂🤣	Positivo	496	58,8	Emoji de risada; orientação predominantemente cômica
Outros/misturado	—	—	143	17,0	Combinação de orientações distintas ou sem predominância
Risada textual (kkkk)	kkkk	—	111	13,2	Equivalente textual de riso; sem emoji identificável
Ironia/ambiguidade	😅😊	Neutro-bipolar	60	7,1	Emoji neutro-bipolar; significado dependente do contexto
Afeto/compaixão	😟❤️	Positivo/negativo	21	2,5	Tristeza empática ou afeto positivo
Surpresa/incredulidade	😮😱	Negativo-neutro	10	1,2	Espanto ou choque; tonalidade cômica ou reprovadora
Nojo/repulsa	🤢🤮	Negativo	2	0,2	Aversão visceral; associado à sexualidade ou ao corpo
B. Análise contextual do emoji 😅 (base: n = *85 comentários contendo 😅)*					
Sem contexto verbal (ambíguo)	😅	—	77	90,6	Não permite determinar orientação depreciativa ou empática
Contexto depreciativo	😅 + texto	—	4	4,7	Texto adjacente com marcadores de ridicularização ou julgamento etário
Contexto empático	😅 + texto	—	4	4,7	Texto adjacente com marcadores de compaixão ou solidariedade

Nota. ESR = *Emoji Sentiment Ranking* (Kralj Novak et al., 2015). Os percentuais da parte A foram calculados sobre os 843 comentários do *corpus* auxiliar e os da parte B sobre os 85 comentários que contêm 😅. A soma dos percentuais pode diferir de 100,0% por arredondamento.

Quanto à composição, 233 comentários (27,6%) não continham emoji, tratando-se de risadas textuais ou de textos muito curtos. Entre esses, 111 apresentam a expressão textual de riso "kkk", enquanto os demais não apresentam essa expressão. Outros 222 registros (26,3%) eram compostos apenas por emojis e 388 (46,0%) combinavam emojis com texto verbal, em geral breve.

Para fins de análise, os comentários do *corpus* auxiliar foram agrupados por orientação emocional predominante, com base no emoji de maior peso simbólico presente em cada comentário. Esse agrupamento é indicativo, não definitivo: a sobreposição entre categorias é frequente, especialmente nos comentários mistos (emoji + texto verbal). A Tabela 5 apresenta a frequência dos emojis mais recorrentes e a distribuição dos comentários por volume de emojis.

Tabela 5

Corpus Auxiliar de Pictogramas: Frequência dos Emojis Mais Recorrentes e Distribuição dos Comentários por Volume de Emojis (N = 843)

Emoji	Descrição	*n*	%
	A. Frequência dos emojis mais recorrentes (base: 3.331 ocorrências individuais)		
😂	Rosto com lágrimas de riso	2.549	76,5
🤣	Rosto rolando de rir	277	8,3
😅	Rosto com suor frio/ironia	263	7,9
😮	Rosto surpreso	32	1,0
😢	Rosto chorando/tristeza	31	0,9
❤️	Coração/afeto	23	0,7
😊	Rosto sorridente	21	0,6
🤭	Rosto com mão na boca	12,0	0,4
🤔	Rosto pensativo	11	0,3
📝	Bloco de notas	10	0,3
	B. Distribuição dos comentários por volume de emojis (base: N = 843 comentários)		
—	0 emojis (kkkk/sem emoji)	233	27,6
—	1 emoji	101	12,0
—	2 a 5 emojis	312	37,0
—	6 a 10 emojis	145	17,2
—	Mais de 10 emojis	52	6,2

Nota. Mediana: 3 emojis por comentário; máximo: 82 emojis em um único comentário.

A orientação de risada e escárnio predomina no *corpus* auxiliar: 72,0% dos registros (n = 607) foram classificados nessa orientação ou como manifestações de riso textual, considerando a soma das categorias correspondentes na Tabela 4 (Risada/escárnio + Risada textual [kkkk]). Esse resultado evidencia a centralidade do humor nas interações analisadas. Considerado isoladamente, o emoji 😂 apresenta 2.549 ocorrências individuais e está presente em 440 registros (52,2% do *corpus*). Sua utilização ocorre frequentemente em sequências repetidas: o bigrama 😂😂 foi identificado em 2.080 ocorrências de pares consecutivos, indicando que a repetição funciona como recurso de intensificação da manifestação expressiva. A ironia e a ambiguidade (😅🤭) correspondem a 7,1% dos registros (n = 60), enquanto o afeto e a compaixão (😢❤️) representam 2,5% (n = 21).

O emoji 😅 é o terceiro mais frequente no *corpus* auxiliar, com 263 ocorrências individuais, distribuídas em 85 registros (10,1% do total), e constitui um caso particularmente relevante para a análise da ambiguidade dos pictogramas. Frequentemente associado a constrangimento, nervosismo ou alívio, esse símbolo apresenta diferentes possibilidades de interpretação conforme o contexto de utilização. Para

examinar essa ambiguidade, os 85 registros contendo 😅 foram analisados considerando o conteúdo verbal adjacente e sua orientação interpretativa, conforme apresentado na parte B da Tabela 4. Em 90,6% dos casos (n = 77), não foram identificados marcadores verbais suficientes para determinar uma orientação depreciativa ou empática. Nos demais registros, 4,7% (n = 4) apresentaram elementos textuais de orientação depreciativa e outros 4,7% (n = 4) apresentaram elementos de orientação empática. A predominância de usos sem marcadores verbais inequívocos evidencia os limites da interpretação isolada dos pictogramas e reforça a necessidade de considerar o contexto comunicativo antes de atribuir uma intenção específica aos usuários.

A distribuição por volume reforça essa característica. Entre os 843 registros, 312 (37,0%) apresentam entre dois e cinco emojis, enquanto 197 (23,4%) apresentam seis ou mais pictogramas. Há, portanto, uma presença expressiva de manifestações caracterizadas pela repetição de símbolos, embora a intensidade dessa repetição não corresponda necessariamente à intensidade de uma avaliação negativa.

Outro aspecto relevante é a diferença entre a presença de manifestações humorísticas e a expressão de julgamento moral explícito. Para examinar essa distinção, foram identificados os cinco registros do *corpus* auxiliar com maior número de curtidas. A fim de preservar o conteúdo das manifestações e, ao mesmo tempo, evitar o reconhecimento direto dos comentários por meio de mecanismos de busca ou pela localização das publicações originais, foi empregado o procedimento de mascaramento de termos, que consistiu na supressão de palavras e expressões específicas dos comentários originais. Esse procedimento buscou reduzir a possibilidade de identificação das manifestações, preservando os elementos discursivos necessários à análise, especialmente aqueles relacionados ao humor e à expressão de julgamentos morais. A Tabela 6 apresenta esses cinco comentários, todos mistos, combinando emojis com texto verbal. Eles apresentam orientação predominantemente cômica ou irônica em relação ao caso, sem expressão direta de julgamento moral sobre a vítima. Esse dado sugere que o engajamento mais alto não está nos comentários de escárnio explícito, mas naqueles que mobilizam humor referencial sobre o caso.

Tabela 6

Cinco Comentários do Corpus Auxiliar com Maior Número de Curtidas (Likes)

Posição	*Likes*	Comentário (mascaramento de termos)	Orientação predominante
1.º	439	*Nunca cheire o ------- de ninguém! Olha o perigo que é isso Kkkkkkkkkk*	Humor/advertência irônica
2.º	275	😂😂😂😂😂😂 *É CADA COISA QUE A GENTE ESCUTA QUE É DE ARREPIAR O CABELO DO -------* 😂😂😂	Risada/incredulidade
3.º	265	😂😂😂😂😂😂😂 *como não rir! E essa repórter vai ganhar o Oscar de melhor atriz! Ela encenou muito bem*	Humor/comentário jornalístico
4.º	240	*O ------- maldito kkkkkkkkkk coitada da veinha* 😂😂😂😂😂😂😂🎉😂😂😂	Ambivalente: risada + compaixão
5.º	236	*Gente, eu não vou para o céu. Eu ri muito aqui.* 😂😂😂😂	Humor autorreflexivo

Os cinco registros mais curtidos combinam texto verbal com diferentes recursos expressivos, incluindo emojis e representações textuais de riso. Predominam manifestações de humor referencial, comentários sobre a situação apresentada e expressões de incredulidade. Também se observa a presença de

manifestações ambivalentes, nas quais a risada aparece acompanhada de referências à compaixão pela pessoa envolvida.

O quinto registro é particularmente ilustrativo dessa dinâmica: ao afirmar que não irá para o céu porque riu da situação, o autor reconhece o caráter potencialmente inadequado de sua própria reação, ao mesmo tempo que participa do humor coletivo. Esse tipo de manifestação evidencia que o engajamento humorístico pode coexistir com algum grau de reconhecimento da dimensão constrangedora ou delicada do episódio.

Discussão

O caso analisado revelou-se um objeto empiricamente produtivo para o estudo da gerontofobia digital. A combinação de um relato afetivo protagonizado por uma mulher adulta mais velha, um enquadramento jornalístico de amplo alcance e a dinâmica viral em plataformas digitais gerou um *corpus* denso e heterogêneo que permitiu observar, num único evento discursivo, a articulação entre representações sociais do envelhecimento, mecanismos de amplificação das plataformas e padrões de julgamento moral. A diversidade dos padrões identificados nas 15 categorias analíticas indica que comentários em conteúdos virais não se organizam em torno de uma única orientação discursiva, mas refletem tensões sociais mais amplas sobre o que é considerado comportamento legítimo para pessoas idosas dentro e fora da internet.

Os achados avançam o entendimento das representações sociais do envelhecimento ao situá-las num ambiente com lógica própria. Nas plataformas digitais, a velocidade de circulação, a insuficiente mediação editorial e os incentivos ao engajamento produzem condições distintas das de outras esferas midiáticas, o que fica evidente nos achados do Grupo 2. Aqui, os comentários expressam, com diferentes graus de explicitação, a expectativa de que mulheres adultas mais velhas se abstenham de vida afetiva e sexual pública. A presença simultânea de *Idealização da abstinência na velhice*, *Rejeição e estigmatização da sexualidade ativa*, *Moralização dos relacionamentos intergeracionais* e *Assexualidade imposta* indica que as categorias de gerontofobia identificadas por Kim e Ryu (2023) a partir de dados coreanos encontram correspondência no *corpus* brasileiro, sugerindo que esses padrões podem transcender contextos culturais específicos.

Os comentários mais violentos estão presentes nas categorias *Etarismo explícito* e *Manifestação de Schadenfreude*, com performances de deslegitimação difusa, operando respectivamente pela ridicularização da idade como atributo em si e pelo prazer manifesto diante da situação de vulnerabilidade da vítima. Apesar de serem mecanismos diferentes em sua forma, ambos resultam no mesmo efeito simbólico, que é negar legitimidade à vida afetiva de mulheres adultas mais velhas, sobretudo quando essa vida é demonstrada em espaços públicos digitais.

Ainda neste grupo, a gerontofobia identificada não se manifesta predominantemente como hostilidade direta. *Xingamento ou ofensa* e *Crítica ou moralidade*, embora relevantes, são precedidos em frequência pela categoria *Preocupação ou apoio à vítima*, indicando que uma parcela expressiva dos comentadores reconheceu a vulnerabilidade da mulher mais velha, contestou o julgamento moral predominante e atribuiu responsabilidade ao homem. Esse resultado complexifica a leitura do ambiente digital como espaço homogêneo de discriminação, pois coexistem no mesmo *corpus* discursos de deslegitimação e discursos de cuidado, o que é consistente com a ressalva de Kim e Ryu (2023) sobre a heterogeneidade das interações em contextos virais. A presença de empatia indica que os padrões de gerontofobia, embora prevalentes, não são hegemônicos, o que abre perspectivas para pensar intervenções que fortaleçam essa contranarrativa nos ambientes digitais.

Por outro lado, a gerontofobia opera com maior frequência por mecanismos indiretos como ironia, hipérbole e alterização, que naturalizam a norma sem explicitá-la como discriminação. A análise dos pictogramas reforça essa interpretação, pois a maioria dos comentários do *corpus* auxiliar apresenta orientação de risada ou escárnio, e os cinco comentários de maior engajamento, todos de orientação cômica ou ambivalente, não se dirigem diretamente à mulher mais velha como alvo, sugerindo que a naturalização da gerontofobia pode ser mais eficaz precisamente quando não é reconhecida como tal.

O enquadramento jornalístico merece discussão específica. O título da matéria mobiliza simultaneamente o etarismo implícito e a construção do caso como golpe, produzindo condições para que o engajamento se organize em torno do humor. É significativo que o *corpus* tenha gerado espontaneamente a categoria *Prática jornalística*, derivada de comentários que se voltaram explicitamente para a conduta do repórter e para as escolhas editoriais da cobertura. Essa categoria, não prevista no referencial inicial, evidencia que parte dos comentadores identificou e problematizou o enquadramento sensacionalista como elemento constitutivo da repercussão do caso. Os dados levantam uma questão que este estudo não pode resolver isoladamente: o predomínio da orientação cômica nos comentários reflete uma tendência do comportamento digital brasileiro ao humor como mediação do desconforto, ou constitui uma forma de discriminação que opera sob cobertura cômica precisamente para evitar o reconhecimento como tal? A ambiguidade constitutiva dos emojis, documentada na análise do 😅, impede uma resposta definitiva a partir deste *corpus* e sinaliza uma agenda de pesquisa relevante.

Os resultados indicam que o *corpus* foi produtivo para capturar a complexidade da gerontofobia digital. A articulação entre dados textuais e pictográficos permitiu identificar dimensões do fenômeno que uma análise exclusivamente textual não alcançaria, e a coexistência de discursos de discriminação e de cuidado num mesmo evento viral contribui para uma compreensão mais matizada de como a gerontofobia se manifesta nos ambientes digitais. A correspondência com a tipologia de Kim e Ryu (2023) sugere que esses padrões têm alcance que ultrapassa o caso analisado, ainda que sua confirmação requeira estudos comparativos com múltiplos casos, plataformas e contextos culturais.

Em relação ao enquadramento jornalístico, a análise revela que parte dos comentários se volta à atuação da reportagem e à forma de apresentação do caso, mas não necessariamente em chave crítica consistente. As reações oscilam entre elogios ao “profissionalismo” do repórter, comentários sobre sua contenção diante do riso e acusações pontuais de sensacionalismo ou ridicularização. Mesmo quando há questionamento da mídia, ele frequentemente se mistura ao humor e à própria lógica de entretenimento que sustenta a exposição da pessoa idosa. Assim, em vez de uma crítica estruturada ao enquadramento jornalístico, observa-se uma ambivalência: os comentadores simultaneamente reforçam e, em menor medida, problematizam os elementos que podem produzir constrangimento ou ridicularização.

Limitações

O estudo tem limitações. A análise usou apenas um vídeo e uma plataforma, o que impede generalizações. Não foi possível identificar o perfil dos comentadores, como idade, gênero ou escolaridade. Sem esses dados, não é possível saber quais grupos mais produzem gerontofobia e quais mais a contestam. A classificação dos emojis depende de um instrumento desenvolvido para outros contextos, o que impõe cautela na interpretação. Vídeos virais atraem comentadores diferentes da média dos usuários, pessoas mais motivadas a reagir de forma performática, o que pode amplificar certos padrões em detrimento de outros.

Conclusão

Este estudo indica que a gerontofobia digital, no *corpus* analisado, opera mais por mecanismos indiretos do que por agressão aberta. Ironia, hipérbole, humor e a transformação da pessoa idosa em alguém estranho e fora de lugar são os recursos mais frequentes. Esses mecanismos funcionam melhor justamente porque não são vistos como discriminação, o que os torna mais difíceis de identificar e combater. A correspondência entre as categorias encontradas e a tipologia de Kim e Ryu (2023) sugere que esses padrões não são exclusivos do Brasil, apontando para a presença de dinâmicas discursivas transnacionais na construção da velhice como alteridade no ambiente digital.

Estudos futuros poderiam ampliar o *corpus* para múltiplos vídeos e plataformas, permitindo análises comparativas que testem a estabilidade das categorias identificadas em diferentes contextos culturais e de engajamento. A incorporação de análise discursiva dos mecanismos retóricos utilizados nos comentários permitiria aprofundar a compreensão dos processos de alterização e naturalização da gerontofobia. A adoção de perfis interseccionalizados dos comentadores, considerando idade, gênero, escolaridade e religiosidade, contribuiria para identificar quais grupos produzem e quais contestam os discursos depreciativos. Uma questão permanece em aberto para essa agenda: determinar se o predomínio do humor nos comentários analisados reflete uma característica do comportamento digital brasileiro ou uma estratégia de discriminação encoberta, o que requer estudos longitudinais e comparativos que este trabalho não tem condições de responder, mas contribui para formular.

Agradecimentos e Autoria

Agradecimentos: Os autores não indicaram quaisquer agradecimentos.

Conflito de interesses: Os autores não indicaram quaisquer conflitos de interesse.

Fontes de financiamento: Não se aplica.

Declaração de contributos de autoria CRediT: L. R. L. S.: Conceptualização; Metodologia; Software; Análise Formal; Investigação; Redação – Rascunho Original. **L. D. B.:** Software; Análise Formal; Investigação; Redação – Rascunho Original. **C. C. A.:** Metodologia; Análise Formal; Investigação. **T. M. R.:** Análise Formal; Redação – Revisão & Edição.

ORCID: L. R. Lopes Silva, https://orcid.org/0000-0002-7457-9778; L. D. Bernardo, https://orcid.org/0000-0001-5234-4225; C. C. de Andrade, https://orcid.org/0000-0001-6254-0713; T. M. Raymundo, https://orcid.org/0000-0002-8598-463X.

Referências

Ayalon, L., & Tesch-Römer, C. (2017). Taking a closer look at ageism: Self- and other-directed ageist attitudes and discrimination. *European Journal of Ageing*, *14*(1), 1–4. https://doi.org/10.1007/s10433-016-0409-9

Barbosa, C. S. P., Bezerra, V. P., Oliveira, G. P. de, Nogueira, J. A., & Moreira, M. A. S. P. (2022). Sexualidade da pessoa idosa: Vivências de profissionais de saúde e idosos. *Cogitare Enfermagem*, *27*, Artigo e83845. https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.83845

Camacho-Markina, I., & Santos-Diez, M.-T. (2025). The social construction of age: Media stigmatization of older adults: A systematic review. *Journalism and Media*, *6*(3), Artigo 150. https://doi.org/10.3390/journalmedia6030150

Carneiro, S. F. L., Lessa, M. M. R., & Cabral, H. L. T. B. (2020). A dignidade do idoso e a gerontofobia. *Derecho y Cambio Social*, (60), 100–121. https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7525001.pdf

Cetic.br. (2026). *TIC Domicílios 2025: Resumo executivo*. Comitê Gestor da Internet no Brasil. https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/pt-br/20260511173151/tic_domicilios_2025_resumoexecutivo%20pt.pdf

Da Silva, D. A., & Mendes, D. F. (2019). Da gerontofobia ao envelhecimento consciente e saudável. *Psicologia e Saúde em Debate*, *5*(Supl. 2), 66. https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/592

Eurostat. (2024a). *Individuals' level of digital skills (from 2021 onwards)* [Conjunto de dados isoc_sk_dskl_i21]. Comissão Europeia. Recuperado em 22 de fevereiro de 2025, de https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/isoc_sk_dskl_i21

Eurostat. (2024b). *Eurostat regional yearbook: 2024 edition*. Publications Office of the European Union. https://doi.org/10.2785/174221

Eurostat. (2024c, 17 de dezembro). *People online in 2024* [Notícia]. https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20241217-1

Faverio, M. (2022, 13 de janeiro). *Share of those 65 and older who are tech users has grown in the past decade*. Pew Research Center. https://www.pewresearch.org/internet/2022/01/13/share-of-those-65-and-older-who-are-tech-users-has-grown-in-the-past-decade/

Fernandes-Eloi, J., Dantas, A. J. L., Sousa, A. M. B. D., Cerqueira-Santos, E., & Maia, L. M. (2017). Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. *Saúde & Transformação Social*, *8*(1), 61–71. https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4196

Hetzner, S., Tenckhoff-Eckhardt, A., Slyschak, A., & Held, P. (2014). Promoting digital literacy for seniors, the aptitude of tablet-PCs. *eLearning Papers*, (38), 1–12. https://www.researchgate.net/publication/271203973_Promoting_Digital_Literacy_for_Seniors_the_aptitude_of_tablet-pcs

Kebede, A. S., Ozolins, L.-L., Holst, H., & Galvin, K. (2022). Digital engagement of older adults: Scoping review. *Journal of Medical Internet Research*, *24*(12), Artigo e40192. https://doi.org/10.2196/40192

Kim, S., & Ryu, M. H. (2023). The characteristics of online gerontophobia expressions in South Korea. *Frontiers in Psychology*, *14*, Artigo 1290443. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1290443

Kralj Novak, P., Smailović, J., Sluban, B., & Mozetič, I. (2015). Sentiment of emojis. *PLOS ONE*, *10*(12), Artigo e0144296. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0144296

Lee, Y. J., & Song, J.-A. (2021). An evolutionary concept analysis of gerontophobia. *Journal of Korean Gerontological Nursing*, *23*(1), 1–12. https://doi.org/10.17079/jkgn.2021.23.1.1

McDonough, C. C. (2016). The effect of ageism on the digital divide among older adults. *Journal of Gerontology & Geriatric Medicine*, *2*(1), Artigo 008. https://doi.org/10.24966/GGM-8662/100008

Miguel, D. F. (2025, 27 de fevereiro). O prazer na velhice: Um direito negado? *Mílton Jung*. https://miltonjung.com.br/2025/02/27/o-prazer-na-velhice-um-direito-negado/

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. (2024). *Conectividade significativa: Propostas para medição e o retrato da população no Brasil*. https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/20240606115919/estudos_setoriais-conectividade_significativa.pdf

Sampaio, R. C., & Lycarião, D. (2021). *Análise de conteúdo categorial: Manual de aplicação*. Enap.

Stoll, V. G., & Weiduschadt, P. (2024). Patologias sociais: Uma revisão de literatura sobre gerontofobia (2011–2020). *Longeviver*, *6*(22), 24–31. https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/download/1063/1112

Wangler, J., & Jansky, M. (2023). Media portrayal of old age and its effects on attitudes in older people: Findings from a series of studies. *Humanities and Social Sciences Communications*, *10*(1), Artigo 165. https://doi.org/10.1057/s41599-023-01671-5